



CARTA MENSAL

#janeiro/2023



Gilberto Kfourir Jr.
CIO BNP Paribas Asset Management

“Nos Estados Unidos, esse processo desinflacionário permitiu ao Fed uma redução do ritmo de aperto de juros. Em sua última reunião, o FOMC elevou a taxa de juros em 25 bps e sinalizou a necessidade de continuidade do aperto, sinalizando mais uma alta de 25 bps para a próxima reunião de março. Na conferência, Powell, presidente do Fed, informou que os próximos movimentos e a taxa terminal dependerão da evolução dos dados. Nesse pano de fundo, o Brasil tem sido impactado por ventos em direções contrárias. Por um lado, o ambiente externo extremamente benigno nos torna um destino atrativo para os investimentos estrangeiros em busca de retornos elevados. Por outro lado, a incerteza fiscal, a deterioração das expectativas de inflação e as indefinições sobre o futuro da política monetária trazem dúvidas quanto à sustentabilidade da trajetória de dívida.”

ECONOMIA INTERNACIONAL

Este início de ano foi marcado por um desempenho positivo dos ativos de risco no mercado internacional. O dólar prosseguiu com a tendência de enfraquecimento em relação às moedas pares, ao mesmo tempo em que as bolsas subiram e as taxas de juros de mercado cederam de forma geral. Tal movimento está correlacionado com a postura mais branda de diversos Banco Centrais – o *Federal Reserve* (Fed, sigla em inglês para Reserva Federal dos Estados Unidos) como protagonista – em relação ao aperto monetário, respondendo a uma dinâmica mais benigna da inflação no mundo. As últimas leituras sobre inflação sugerem que o pior momento da alta de preços ficou para trás, com a normalização das cadeias de oferta reduzindo a inflação de bens e com o aperto monetário contribuindo para uma desaceleração da demanda.

Nos Estados Unidos, esse processo desinflacionário permitiu ao Fed uma redução do ritmo de aperto de juros. Em sua última reunião, o *Federal Open Market Committee* (FOMC, sigla em inglês para Comitê Federal de Mercado Aberto) elevou a taxa de juros em 25 bps e sinalizou a necessidade de continuidade do aperto, sinalizando mais uma alta de 25 bps para a próxima reunião de março. Na conferência, Powell, presidente do Fed, informou que os próximos movimentos e a taxa terminal dependerão da evolução dos dados, tanto relacionados à inflação, quanto aos salários e ao mercado de trabalho. Caso a inflação ceda mais rápido que o esperado pelo Fed – conforme o mercado já precifica – o comitê poderia optar por encerrar o ciclo em breve. Por outro lado, caso o mercado de trabalho se mantenha resiliente e a inflação ceda mais lentamente, o ciclo poderá ser estendido.

Independentemente de quaisquer ajustes finos, o fato de o ciclo de aperto de juros promovido pelo Fed se aproximar do fim tem contribuído para um relaxamento das condições financeiras, tanto nos EUA quanto no mundo. Isso tem impulsionado a performance positiva dos ativos de risco e tende a beneficiar os mercados emergentes nesse curto prazo.



“Nos EUA, o FOMC elevou a taxa de juros em 25 bps e sinalizou a necessidade de continuidade do aperto, sinalizando mais uma alta de 25 bps para a próxima reunião de março.”

Gráfico 01
Inflação Países OCDE (Variação Anual %)



Fonte: OCDE. Elaboração BNPP AM Brasil. Data base: 31 de dezembro de 2022.

Gráfico 02
Índice de Condições Financeiras dos EUA.



Fonte: Goldman Sachs. Elaboração BNPP AM Brasil. Data base: 03 de fevereiro de 2023.

Outra fonte de tração para os mercados emergentes nesse início de ano tem sido a reabertura completa da China com o fim da política covid-zero. Além dos indicadores de alta frequência apresentarem uma retomada, como uma melhora expressiva nas receitas ligadas ao turismo durante o Ano Novo Lunar por exemplo, os dados mensais oficiais também já passaram a refletir essa melhora, como os PMIs (índices de gerentes de compras), com destaque para o setor de serviços, que voltou ao território de expansão. Essa retomada combinada às políticas adotadas pelo governo para estancar a deterioração do mercado de imóveis impulsionarão o crescimento da China ao longo desse ano, agindo como amortecedor da provável desaceleração da atividade global.

ECONOMIA BRASILEIRA

Nesse pano de fundo, o Brasil tem sido impactado por ventos em direções contrárias. Por um lado, o ambiente externo extremamente benigno nos torna um destino atrativo para os investimentos estrangeiros em busca de retornos elevados. Por outro lado, a incerteza fiscal, a deterioração das expectativas de inflação e as indefinições sobre o futuro da política monetária trazem dúvidas quanto à sustentabilidade da trajetória de dívida. Diante dessas forças contrárias, em janeiro, o mercado doméstico foi marcado por uma forte valorização do real, acompanhando o enfraquecimento do dólar no mundo, enquanto o comportamento das taxas de juros tem sido mais errático devido às discussões sobre o fiscal e a inflação.



“O CMN, responsável por definir a meta de inflação, se encontra em uma encruzilhada, na qual a manutenção da meta poderia significar um objetivo inalcançável e pouco crível.”

Do lado fiscal, acreditamos que a incerteza irá perdurar ao longo dos próximos meses, até que as discussões sobre o novo arcabouço e sobre a reforma tributária sejam de fato endereçadas. Até agora, as sinalizações de curto prazo vão de encontro ao ajuste fiscal, como a manutenção da isenção dos impostos federais sobre a gasolina e o desejo de elevar o salário mínimo para R\$ 1.320 ainda sem fonte definida de recursos.

No médio prazo, no entanto, notamos o processo contínuo de desancoragem das expectativas de inflação, que se encontram acima da meta por todo horizonte relevante, segundo o Boletim Focus. Em meio a esse movimento, nos deparamos com a discussão sobre a possível elevação das metas de inflação, incitada pelo governo, mas que se tornou pauta de todo o mercado. Assim como o teto de gastos, a meta de inflação perdeu credibilidade após rodarmos com a inflação acima do intervalo superior da banda nesses últimos anos.

Diante disso, o Conselho Monetário Nacional (“CMN”), responsável por definir a meta de inflação, se encontra em uma encruzilhada, na qual a manutenção da meta poderia significar um objetivo inalcançável e pouco crível – especialmente diante do perfil fiscal de mais gastos e mais impostos da nova administração – enquanto a elevação poderia desencadear uma desancoragem ainda mais aguda das expectativas, podendo até mesmo acarretar em juros mais altos.

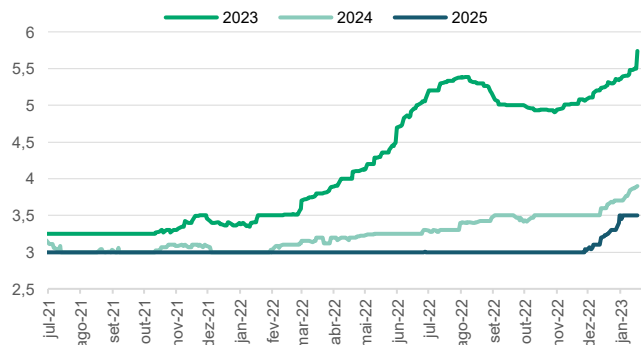
Nesse cenário de incerteza elevada, o Comitê de Política Monetária (“Copom”) adotou um discurso duro em sua última reunião e reafirmou o compromisso de cumprimento da meta no horizonte relevante. Para tal, seria necessária uma manutenção da Selic em 13,75% por um período mais prolongado do que o cenário de referência do Focus, que previa a possibilidade de cortes já esse ano. O cenário de manutenção da Selic poderá ser estável ao longo de todo esse ano, segundo o Banco Central “BC”, estando em linha com as nossas projeções e, acreditamos que o ciclo de cortes iniciará apenas em 2024. Vale a ressalva, no entanto, de que o cenário de política monetária está interligado com a política fiscal e ao longo do ano teremos uma maior clareza sobre o rumo de ambos.

Gráfico 03
Real à vista (preço de 1 dólar)



Fonte: Bloomberg. Elaboração: estimativas da BNPP AM Brasil. Data base: 3 de março de 2023.

Gráfico 04
Evolução da Mediana das Projeções: IPCA Anual



Fonte e Elaboração: Banco Central do Brasil. Data base: 27 de janeiro de 2023.



Andressa Castro
Economista-chefe



RENDA FIXA E MULTIMERCADO

COMPORTAMENTO DO MERCADO

Refletindo o aumento do risco de inflação mais elevada, as NTN-Bs com prazos até 5 anos apresentaram performance destacada (IMA-B5 +1,4%). Já os índices com mais *duration* sofreram com a curva mais empinada (IMA-B5+ -1,26%; IMA-B *flat*) comparado ao CDI de +1,12%.

NOSSA VISÃO

O arrefecimento da inflação no EUA, ainda que calcado em itens voláteis, tem favorecido o cenário de aterrissagem suave da economia. Sendo esse o caso, estaríamos próximos do encerramento do ciclo de alta da Fed fund, ao redor de 5%. Esse contexto favorece ativos de risco seja porque reduz probabilidade de altas extremas nos juros lá fora; ou por induzir o investidor estrangeiro ao risco, gerando fluxo aos emergentes. O Brasil foi e tem se beneficiado desse momento, mas menos do que poderia, considerando o desempenho dos nossos pares. Por exemplo, olhando desempenho das bolsas (MSCI), o Brasil valorizou 6,6%, contra 7,9% dos emergentes e 12,6% do México – o atual preferido dos investidores.

Qual razão dessa defasagem? Uma primeira pista é o estágio da atividade econômica local, estamos em queda indubitavelmente, confirmado nos dados do quarto trimestre de 2022. Destaque para a perda de 431 mil empregos em dezembro, muito mais forte que o estimado (-325 mil), com destaque para o setor de serviços. A queda era esperada, tendo em vista o aperto monetário implementado, mas é possível que as indefinições na economia, capturadas no recuo generalizado dos índices de confiança dos diversos setores, já estejam influenciando decisões do empresariado, como contratar um novo empregado.

Um outro sintoma visível das incertezas correntes foi a continuidade da desancoragem das projeções de inflação. O IPCA no Focus para 2024 e 2025 estão em 3,90% e 3,50%, diante da meta de 3% para ambos. Parte desse descolamento se atribui ao impulso fiscal contratado a partir da aprovação da PEC da Transição, já comentado mês passado. A novidade que pode ser considerada negativa foram as falas do presidente Lula sobre alterar a meta para cima (falou entre 4% e

4,5%). Ao discorrer sobre o tema, o mandatário influencia a expectativa dos agentes que passam a incorporar a possibilidade de alteração em seus modelos. Isso acontece mesmo sem o Banco Central se mover, ou seja, tira da autoridade monetária o protagonismo na formação de expectativas futuras de inflação. Dito de outro modo, reduz a potência do juro no controle inflacionário. Não à toa, o Banco Central usou de um discurso mais duro no último Copom, que foi lido como um sinal que não veem queda da Selic logo e ao contrário estão prontos para subir juros, caso julguem necessário. Uma conjuntura que intensifica o pessimismo com a economia já cambaleante.

Em resumo, permanecemos com a incerteza fiscal em aberto, à medida que não temos nem esboço do novo arcabouço e na margem vivenciamos uma deterioração do arcabouço monetário. Mas o ambiente externo por ora se sobrepõe a essas questões. O risco, portanto, seria uma reviravolta no humor global, seja por risco de recessão (Fed fez demais), ou recrudescimento do risco inflacionário (Fed fez de menos), que nos pegaria em situação mais frágil.

Os últimos desdobramentos deixaram claro o valor do posicionamento mais curto e em NTN-B, diante dos crescentes riscos inflacionários.

MOEDAS

As moedas se fortaleceram frente ao dólar, na onda mais positiva para risco. O Real foi destaque de performance no mês apreciando 5,15%, retornando para próximo as mínimas recentes. Apesar do *gap* de performance em relação aos *peers* ter se reduzido, há espaço para apreciação adicional tendo em vista que a perspectiva de governo mais propenso a gasto induz juros mais alto; melhora na percepção internacional em relação ao Brasil (no contexto de escassez de alternativas). Reduzimos, mas seguimos comprados em BRL.



Michael Kusunoki
Head Renda Fixa & Multimercados



CRÉDITO PRIVADO

Os ativos de crédito privado tiveram desempenho negativo em janeiro por conta do impacto do evento Lojas Americanas. Acreditamos que a precificação dos ativos continue sendo impactada a medida que mais informações se tornam disponíveis e acreditamos que os impactos serão de natureza mais duradoura.

O mercado de crédito privado tem a característica de ser cíclico na medida que a maior demanda dos investidores impulsiona os preços que produz retornos maiores e que atrai mais investidores. Esta dinâmica normalmente é quebrada por algum evento. Americana, no caso, foi este evento.

O ajuste de mercado em curso vai equilibrar riscos e trazer os *spreads* para níveis mais ajustados ao que consideramos ser adequado ao risco de crédito e liquidez.

Em adição ao caso específico de Lojas Americanas, o início da nova administração federal tem trazido incertezas agravadas pela situação fiscal do país o que reduz o horizonte de investimento, já encurtado pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (“PEC”) da Transição. Novamente temos a validação da nossa estratégia de investimento em 2022 de centrar em ativos de 2 a 3 anos, nos afastando de horizontes muito longos onde a consequência de ações negativas são amplificadas pelo prazo maior.

A atividade do mercado primário está em ritmo férias e parece que não mudará de dinâmica nos próximos meses. O mercado de capitais teve forte desenvolvimento nos últimos anos, fruto principalmente do arcabouço fiscal (“teto de gasto”) e da desalavancagem do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (“BNDES”), ambos se tornaram pontos de

incerteza recentemente.

Para as carteiras CDI, continuamos a encurtar taticamente as alocações, focando em prazos até 12 meses no setor financeiro, principalmente nos nossos fundos abertos. Para fundos exclusivos, que não tenham tanta necessidade de liquidez, continuamos a fazer também alocação em prazos mais longos no setor não financeiro, aproveitando a própria dinâmica de vencimentos da carteira. A estratégia em modo conservador segue justificada pelos riscos percebidos: a incerteza sobre o novo arcabouço da política fiscal brasileira, o aperto monetário nos mercados desenvolvidos, a inflação e a continuidade dos choques recessivos e inflacionários originados pelo conflito na Ucrânia e pela estratégia de enfrentamento à Covid adotada pela China.

Na nossa estratégia de infraestrutura, mantivemos a alocação em risco IPCA ao redor de 90% e *duration* superior ao IMA-B5 com menor alocação em títulos até 2025. Apesar do comportamento da curva de juros real ter sido mais negativo nos últimos seis meses, consideramos que esta estratégia é vencedora em horizontes de investimento mais longo. Vale lembrar que a abertura dos *spreads* tem como efeito secundário positivo a melhora do carregamento da carteira.



Fábio Oliveira
Head de Crédito Privado

RENDA VARIÁVEL

Janeiro foi um mês de maior apetite a risco nos mercados globais, com o S&P fechando em alta de 6,18% tanto pelo maior otimismo com inflação e perspectiva de um *soft landing* da economia (vs. *hard landing*), assim como pelo início da divulgação dos resultados do quarto trimestre que começaram surpreendendo positivamente as expectativas de mercado. O movimento foi acompanhado pelo Euro Stoxx que subiu 9,75% e o MSCI World que subiu 7,00%.

Os mercados emergentes continuaram a tendência positiva sustentada pela reabertura da China, com o MSCI Emerging Markets fechando o período em alta de 7,85%, com destaque para o Hang Seng (principal índice acionário chinês) que fechou em alta 10,42%. No mercado de *commodities* o mês foi misto, com minério de ferro em movimento de alta (+5,31%) e o petróleo em queda de 1,73%.

O Ibovespa seguiu os mercados externos com alta de 3,37%, apesar do fluxo de notícias políticas locais mais negativas. Acreditamos que a entrada de recursos dos investidores estrangeiros em mercados emergentes explique a performance positiva. Destaque para os 10 bilhões de reais de investimento estrangeiro que entraram na B3 no primeiro mês do ano. Setorialmente podemos destacar a forte performance das empresas de Materiais Básicos que subiram devido à forte performance das *commodities* dado a reabertura da China.

O mês de janeiro foi um exemplo do que podemos esperar para o ano de 2023 e na minha visão, para os próximos anos se não tivermos uma definição de política fiscal.

Os primeiros dias de janeiro foram muito turbulentos, com a bolsa buscando suas mínimas recentes, para posteriormente apresentar uma forte recuperação em “V”. Esse movimento de queda inicial pode ser explicado pela grande preocupação com relação ao discurso mais populista do governo Lula e possíveis impactos fiscais negativos. Ao longo do restante do mês, foram discutidas certas medidas de mitigação desses gastos adicionais, mas sem grandes anúncios.

Por outro lado, a recuperação da bolsa foi muito baseada na percepção mais positiva do mercado externo e as correlações entre os ativos locais com seus comparáveis estrangeiros. Principalmente a visão mais construtiva em relação a reabertura da China, onde os ativos relacionados ao país se comportaram

muito bem. *Commodities*, juros e moedas de países que possuem pauta comercial com a China tiveram bom desempenho, sendo que o Brasil não deveria ter tido performance diferente desses ativos, mas o movimento foi parcialmente compensado pelas incertezas fiscais.

Dito isso, acreditamos que tem alguns pontos que devemos prestar atenção nos próximos dias e meses.

Na parte local:

- i) Qual será a proposta da nova regra fiscal que o governo vai propor?
- ii) Eleições da presidência das casas do congresso;
- iii) Indicação dos diretores do Banco Central;
- iv) Decisão sobre meta de inflação por parte do CMN.

No global:

- i) Demanda por aço na China e impactos na demanda por minério de ferro;
- ii) Aumento de consumo na China;
- iii) Dados de inflação nos EUA.

Esses itens mencionados acima e as definições nos temas na parte local devem trazer uma maior tranquilidade com relação ao fiscal e juros mais longos (ou uma maior preocupação). Já a parte internacional, os itens podem impulsionar um apetite à risco do investidor estrangeiro para mercados emergentes, em especial o Brasil. Por isso acredito que a conclusão que escrevemos na carta passada continue válida.

“Continuamos com a cabeça de que os atuais níveis de taxa de desconto são extremamente atrativos para investidores de longo prazo. Nos parece um “carrego” atrativo, porém acreditamos que a volatilidade será constante nos próximos anos. Isto posto, nosso processo de investimento parece robusto para enfrentar esse momento mais turbulento de mercado quando analisamos horizontes maiores e quando comparados com exemplos do passado. Nossa carteira atual está dividida entre companhias de qualidade com crescimento e ativos que são mais defensivos, de forma a reduzir a volatilidade do nosso portfólio dada as incertezas fiscais para frente”.



Marcos Kawakami
Head Renda Variável

FUNDO DE FUNDOS

Após um fechamento de ano bastante agitado nos mercados globais e principalmente por um aperto monetário relevante nas principais economias do mundo, 2023 parece estar caminhando na direção oposta, com um tom mais otimista visto através dos preços dos ativos.

Temos três vetores que justificam essa tônica mais positiva: Nos EUA, reconhecendo uma melhora na inflação mais recente, o Fed subiu a taxa de juros básica em 25 bps, de acordo com o esperado pelo mercado e também com altas sequenciais no radar no mesmo patamar. Contudo, ainda será preciso mais dados de que a inflação esteja convertendo para a meta para que a discussão de cortes seja iniciada, visto que o mercado de trabalho segue aquecido. O outro ponto importante é a retomada da China, que colocou fim a sua política de Covid-Zero mais cedo do que estipulado, empregando diversos estímulos para retomar o crescimento econômico em uma velocidade mais rápida, ajudando o Produto Interno Bruto (“PIB”) mundial durante a desaceleração das outras economias e demandando mais *commodities*, o que nos coloca em uma posição de destaque.

O terceiro é a Europa com seu inverno menos rigoroso e, portanto, pressionando menos o preço de energia, resultando em um suspiro na inflação de curto prazo e uma recessão mais amena. No cenário doméstico, os ativos brasileiros não acompanharam de maneira disseminada a recente melhora dos globais, muito por conta de uma discussão já conhecida: o fiscal. Algumas discussões e críticas à meta da inflação, aos juros altos e a independência do Banco Central atingiram os preços dos juros, importante termômetro do cenário para nós. Em alguns momentos durante o mês, com alta volatilidade e bastante estresse, a curva precisou até 100 bps de alta, sendo que poucos meses atrás os mais otimistas falavam em cortes de juros já no primeiro trimestre deste ano.

O Ibovespa ficou positivo no mês (3,4%) muito por conta do fluxo para Mercados Emergentes, porém as empresas

domésticas que são mais ligadas a juros não performaram igual. O custo dessas discussões trouxe um aumento de prêmio de risco soberano do país, levando as NTN-B's mais longas superando os 6,5%, visto por último há um tempo.

Nossas carteiras CDI+ produziram resultados em linha com o CDI no mês. A alta volatilidade do mês no doméstico e o *rally* dos mercados globais impactou nossas posições investidas conforme gestores apostavam em uma queda das bolsas globais por conta da alta de juros nos mercados desenvolvidos e no corte de juros no local. Houve um desmonte das posições de juros nominais, conforme ruídos vindos do governo. Na parcela de renda variável, embora não carregamos posições de bolsa diretamente, a indústria teve uma dispersão maior de resultados, mesmo com o Ibovespa positivo no mês por conta do fluxo vindo do exterior, alguns papéis sofreram bastante, dado que a indústria de fundos quer vender o que o investidor estrangeiro não compra, que são empresas ligadas a consumo. Seguimos acreditando nas dificuldades para ativos de renda variável com o cenário atual de mais gastos, mais inflação e de atividade desacelerando.

Já nas carteiras que possuem *benchmarks* compostos, seguimos com a alocação menor em ativos internacionais, desde o ano passado, o que no mês apresentou performance relativa negativa, devido ao cenário mais benigno que elevou as bolsas globais, porém, como a moeda apreciou frente ao dólar, neutralizou o resultado. Na renda variável local, seguimos sub alocados, o que também nos trouxe uma performance relativa negativa com o fluxo para o Ibovespa fazendo com que o índice ficasse positivo no mês.

No entanto, nossa carteira de fundos de ações superou o índice. Continuamos com a mesma dinâmica, com uma alocação importante nos fundos “CDI+” (renda fixa e multimercado), reduzidas em renda variável local e internacional. Sendo assim, finalizamos o primeiro mês do ano à espera de novas informações, o desenrolar do novo governo com os desafios a frente e a pergunta e se esse recente movimento é uma mudança estrutural, colocando fim aos ajustes vistos no ano passado ou apenas um ajuste tático.



Tiago Bellodi Costa Cesar
Head Fundo de Fundos

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Janeiro	1,12%	0,84%	0,70%	0,00%	1,40%	-3,83%	3,37%	3,51%	2,92%
2023	1,12%	0,84%	0,70%	0,00%	1,40%	-3,83%	3,37%	3,51%	2,92%
12 meses	12,81%	9,82%	10,20%	7,15%	11,19%	-4,24%	1,15%	0,75%	-15,47%

DISCLAIMER

Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas “BNP Paribas” e tem fins meramente informativos, não se caracterizando como oferta ou recomendação de investimento ou desinvestimento. O BNP Paribas é uma instituição financeira regularmente constituída, com seu funcionamento devidamente autorizado pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para Administrar fundos de investimento. Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7715999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Aceso: bnpparibas-am.com.br. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO, Fevereiro/2023.



JMM 016.2023